

Regenerador Liberal

SEMAMARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," - OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. de José Fructuoso da Fonseca & Filho

72, Rua da Picaria, 74 - PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
EDITOR
Manoel Maria Correia Vermelho
ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) 18000 reis
Com estampilha (anno) 15200 »
Brazil e Colonias 15500 »

PUBLICAÇÕES
Cada linha, 60 reis. Repetições, 30.
ANNUNCIOS
Anuncios judiciaes ou administrativos, gratis. Sello de cada annuncio 10 reis.
Redacção e Administração
Largo de S. Miguel—OVAR

Lei de imprensa

Ha dias foi o paiz surpreendido por um monstruoso decreto dictatorial, que se é o primeiro passo da Republica no caminho da apostasia, da renegação de todos os seus ostentados principios, do desprezo dos mais graves compromissos, contrahidos n'uma longa, ardente e palavrosa campanha de opposição -- hemos de convir que é um passo de gigante, pois já transpõe toda a legislação do nosso constitucionalismo monarchico em materia de liberdade de imprensa, repondo, de facto, o direito de expressão do pensamento na situação juridica que pôde ter-lhe sido offerrecida pelo mais caracterizado absolutismo.

Os homens de leis pasmarão da toska, imperita contextura d'esse documento, em que os successivos erros de technica judiciaria se precipitam sobre uma trama de grosseiras infracções das normas geraes do direito; mas sobretudo os espiritos liberaes, qualquer que seja a sua particular orientação politica, considerarão com amargura que, se o decreto de hontem vae servir de padrão ás leis da Republica, melancolicos dias se preparam, não sómente aos que pretenderem reservar-se convicções diversas das de quem eventualmente exerça o poder, mas tambem, e principalmente, a quantos em boa-fé tenham esperado do novo regimen uma politica sinceramente baseada no respeito das liberdades e garantias civicas.

Haemos de analysar detidamente essa aberração legislativa, que se cifra no violento decreto de hontem, o mais oppressivo de todos os diplomas que entre nós tem regulado a liberdade de imprensa; senão por nos tornarmos interpretes de quaesquer possiveis indignações ou protestos da opinião—*porque isso não no-lo permite a nova lei*—ao menos na esperança de que os nossos commentarios e reparos, provavelmente isolados, possam de algum modo influir no espirito dos futuros representantes da nação, que hão de apreciar este decreto dictatorial predispondo-os a uma indispensavel e honrosa rejeição do seu voto— que é a só liberdade que concede aos jornalistas o assombroso documento, no tocante á discussão e critica dos diplomas legislativos!

E' principio fundamentalissimo de direito, e ao mesmo tempo garantia sagrada do cidadão, que a todos seja licito praticar aquillo que a lei expressamente não prohibe. Toda a legislação penal se estriba n'este essencial aphorismo, e é por isso que as leis criminaes especificam successivamente as infracções, com a designação da pena que a cada uma corresponde, tendo-se como sciente que tudo o mais é permitido.

Excepção unica, por certo, no direito positivo de todos os paizes, o affrontoso decreto de hontem inverte audaciosamente aquelle principio, e em lugar da formula tradicional—*«a todos é licito manifestar o seu pensamento por meio da imprensa»*—dá-nos no artigo 13.º uma taxativa e reduzida relação do **que não é prohibido** (!) accrescentando-lhe, porém, as condições em que o não é, e que o leitor encontrará destacadas na transcripção que em seguida fazemos d'essa affrontosa disposição, da qual *à priori*, pelo simples conhecimento das normas fundamentaes do direito, se pôde assegurar que não tem igual em nenhuma lei do mundo:

Art 13.º Não são prohibidos os meios de discussão e critica de diplomas legislativos, doutrinas politicas e religiosas, actos do governo, das corporações e de todos os que exerçam funções publicas, com o fim de esclarecer e preparar a opinião para as reformas necessarias, pelos tramites legais, e de selar a execução das leis, as normas de administração publica e o respeito pelos direitos dos cidadãos.

Não basta a taxativa menção d'aquillo que d'ora ávante **não é prohibido** exprimir pela imprensa: para que prevaleça aquella generosa permissão, torna-se necessario que a discussão e critica dos diplomas, doutrinas e actos ali restrictivamente indicados tenha sómente o fim de *esclarecer e preparar a opinião para as reformas necessarias, pelos tramites legais*, ou de zelar o mais que lá diz; se assim não fôr, e se outro sentimento ou intenção mover o jornalista, a simples discussão e critica das leis, das doutrinas ou dos actos do governo e dos funcionarios lhe é vedada, visto que *ipso facto* se colloca fóra do abrigo do paternal preceito, onde está expresso... o que nos **não é prohibido**!

Esta inestimavel disposição, unica em todas as leis penaes, implicaria só por si, a condemnação do decreto de hontem, quer n'uma assembleia de jurisperitos, quer perante a consciencia dos homens livres; um *caloiro* de direito não a escreveria, e, sob outro ponto de vista, o ministro de um Rei absoluto procuraria maneira menos indiscreta de estrangular a liberdade do pensamento.

Mas como se receassem que depois de similhante artigo d: lei ainda pudesse subsistir imprensa, em condições de incommodar os detentores do poder, inseriu-se no artigo 11.º um paragrapho, que ficou verdadeiramente a chave do decreto; é n'elle que se prohibe, sob pena de desobediencia qualificada, a venda e circulação de periodicos redigidos em linguagem «despejada e provocadora.»

Provocadora de quê, contra quem? Não o diz o artigo, e é mister que o não diga, para que possa na materia exercer-se sem restricções o arbitrio dos governos, e não só dos governos, mas de um governador civil, de um administrador de concelho, de um *simplex chefe* ou *cabo de policia*, que amanhã poderá discrecionariamente apprehender todos os exemplares do nosso jornal, se em seu alto e exclusivo criterio lhe parecer este numero escripto em linguagem... *provocadora*.

E' o que resa o § unico do artigo 2.º, determinando que a apprehensão seja n'aquelle caso «ordenada e realizada pela auctoridade judicial, administrativa e policia.»

Basta por hoje, que já ficou patenteado ao leitor o espirito d'esse ominoso decreto, onde aliás a prisão e a multa figuram a cada passo—a prisão *por simples contravenções*, como no caso de faltar ou vir incompleta, ao alto da primeira pagina, alguma das indicações exigidas, o que pelo art. 5.º implica o encarceramento *simultaneo* do proprietario do jornal, do editor e do dono do estabelecimento onde fôr impresso!

O que vale é que os os nossos excellentes collegas e as diversas philarmonicas mais ou menos litterarias e jornalisticas que para ahi existem, vão promptamente reunir-se, fazer comicios, promover conferencias, proferir discursos medonhos e decretar nobremente a pena do silencio, como quando foi da lei do sr. João Franco.

Annibal Soares.

Viva a liberdade

Bem entendida, é claro. Liberdade que vá violar o direito alheio, não. Essa não tem jus a viver, nem é essa que nós queremos. A licença é factor de desordem, causa de retrocesso, e nós queremos ordem e adoramos todas as manifestações de progresso.

Ora essa liberdade rasoavel e necessaria a todo o homem é que nós estamos a ver ahi negada por palavras e por factos.

Já se não pôde escrever e fallar em defesa da opinião propria que sempre foi digna de respeito, desde o momento que se faça sem agravo das opiniões alheias.

A isto chegamos! Ha dias foi um clérigo d'esta freguezia chamado á presença da auctoridade pelo facto de ter dito numa homilia que a Igreja tem sido perseguida em todos os tempos e que hoje o está sendo fortemente.

Era um perigo para as instituições dizer numa pratica o que toda a gente lê nos jornaes! Era um perigo para o novo regimen dizer o que o governo faz, e isso que o governo pratica não é perigoso!

Hostilisa-se a crença dos catholicos, vexam-se com leis sectarias a ponto de a muitos invadir o desanimo, e o padre não pôde impunemente dizer-lhes: «tenham coragem; desde Juliano até hoje a Igreja tem feito o epitaphio de todos os despotismos que tem tentado aniquila-la!»

Não é um malfetor que se defende, levando o alento ás fileiras de seus fieis. E' a instituição mais benemerita que tem existido sobre a terra e já realiso a maior obra de civilização que se conhece.

A defesa é um direito sacratissimo, que a ninguem se pôde negar.

Pois bem: D'esse direito pretendem esbulhar a Igreja! A isto chegamos.

E, quem o havia de dizer? os que nol-o negam são os mesmos que ha dias pediam a altos brados: liberdade! usando e abusando d'ella!

«Almanaque d'Ovar»

A sahir brevemente

Pedidos a Amadeu Peixoto—OVAR

Nomeações

Vimos em varios jornaes que o Conselho da Escola Medica propoz ao governo a nomeação para lentes das cadeiras de Medicina Legal e de Physiologia, respectivamente, dos srs. drs. Azevedo Ennes e Mak-Athias, attendendo á proficiencia e indiscutivel probidade scientifica d'esses senhores, o que, segundo o parecer do Conselho da Escola, justifica a dispensa da *formalidade* do concurso.

Não deixa de ser interessante, já de começo, a naturalidade com que, a dois dias da proclamação da Republica, se chama a um concurso... uma formalidade. Mas muito mais interessante é a semceremonia com que se propõe a nomeação de dois lentes para umas cadeiras que deviam ser postas a concurso, desprezando-se assim o direito que outros medicos teriam de concorrer a esses logares e de, em provas publicas, disputarem aos preferidos de agora a nomeação.

Nos tempos ominosos da ominosa Monarchia, os concursos não eram um modelo de imparcialidade, jus-

ta e rectidão. A não ser naquelle periodo em que o governo foi occupado pelo partido regenerador-liberal, succedia frequentissimas vezes que os juries de concursos classificavam em primeiro logar quem de tal não era merecedor, e os ministros nomeavam quem obtivera das mais inferiores classificações.

Mas, co'a breca!... quem pretendia um logar dava as provas da sua capacidade em concorrência com os competidores e tinha sempre recurso de appellar para o julgamento dos que, fóra do jury, tinham assistido ás provas, quando nas instancias respectivas os seus protestos não eram attendidos.

Agora, porém, nem isso se dá. Propõe-se que sejam nomeados os srs. Fulano e Cicrano, e allega-se a sua proficiencia e a sua qualidade scientifica.

Não as contestamos nos medicos em questão. Mas hão-de fazer-nos o favor de não contestar tambem que na classe medica pode muito bem haver quem tenha tanta ou maior proficiencia, e quem tenha igual probidade scientifica, e portanto que tenha tantos direitos, ou mais, do que esses dois illustres clinicos para a nomeação que se propõe agora para elles, o que torna a proposta do Conselho da Escola Medica como attentatoria de legitimis direitos.

Se isto se desse na Monarchia... acabou-se. A monarchia era uma coisa que não prestava para nada, e portanto não era natural que no seu tempo se fizessem borracheiras.

Mas agora, no tempo da Republica, ir privar cidadãos, no uso legitimo dos seus direitos, de tentarem n'um concurso alcançar quaesquer logares, esforçando-se por manifestarem a sua superioridade sobre os outros concorrentes... afigura-se-nos mau comercio por parte d'aquelles que tanto atacavam o mau fim em que entrara a ominosa Monarchia.

O conselho da Escola Medica fez mal em apresentar semelhante proposta. O governo fará mal em a approuvar.

De resto, os srs. Azevedo Neves e Mak Athias são medicos distinctissimos que nunca podem recear um concurso, pois n'elle, quando não fossem os primeiros classificados, nunca fariam tambem uma figura que em qualquer coisa fizesse desmerecer os seus credits.

Injustiças decerto as não receiam elles.

A Monarchia findou, a Republica está implantada.

Quer dizer: a injustiça e o favoritismo deram-se as mãos e mergulharam de cabeça para baixo, vindo logo ao de cima a justiça e a verdade, ambas ellas de baias de cortiça, é certo, mas por simples precaução, tão pouco habituadas estavam a fluctuar nos tempos inglorios da Monarchia.

N'esta condições afigura-se-nos que o governo andarã excellentemente, abrindo de novo concurso para as duas cadeiras e aconselhando a Escola Medica a que retire a proposta, quando mais não seja, ao menos, para que se não possa dizer que foi o Conselho de uma Escola Superior a primeira entidade a manifestar publicamente a opinião de que a unica mudança que houve no paiz foi... a do ministerio.

(Do «Correio da Manhã».)

«Almanaque d'Ovar»

A sahir brevemente

Pedidos a Amadeu Peixoto—OVAR

«Regenerador Liberal»

Desde ha muito que nos julgamos desobrigados de seguir a politica partidaria que temos seguido leal e desinteressadamente até aqui. Factos se têm dado dentro do partido regenerador liberal que nos põem livres de seguir servilmente a orientação d'um partido aliás honesto e de largas aspirações em Portugal.

Fracccionado, ou melhor, desfeito esse partido, livres ficamos da influencia d'elle, embora não abdicarmos dos direitos que a hora da lucta nos concedeu, de terçarmos armas pelo mesmo ideal, se um dia a gente d'esse partido se unificar na aspiração d'um ideal honesto e justo pela salvação da nossa patria.

Fômos dos ultimos a desaparecer das fileiras do partido regenerador-liberal, esperando até á ultima pelas decisões da direcção do partido.

Sob o regimen republicano, entraremos de bom grado e sem relutancia no partido que legalmente se formar e que esteja em harmonia com as nossas convicções politicas, conservadoras e religiosas.

Agora impõe-se-nos o dever de sahirnos airosa e nobremente do logar onde estivemos e onde cumprimos a nossa missão espinhosa, sem trahir o nosso ideal e sem transigir com as imposições de vendilhões e arranjistias.

O nome do nosso jornal será suprimido, e muito breve, mas não suprimiremos do nosso espirito as convicções que nos animam e norteiam.

A criação do *Regenerador Liberal* acarretou sobre as nossas cabeças o odio de muitos, o desespero de alguns e o louvor de todos aquelles que respeitam as opiniões do proximo e amavam a nossa terra.

A conservação do nosso jornal não nos tem servido de ganha-pão, nem nunca tivemos a esperança de obter da imprensa uma receita, como recompensa dos nossos trabalhos.

A existencia d'um jornal como o nosso é uma necessidade n'uma villa onde as convicções fallecem e onde as pharmacias lucram immenso com a mania dos adhesivos intempestivos, que são hoje a sombra funesta que persegue o actual regimen.

Não pensamos em adherir á republica do governo provisorio. Nem por isso a Republica Portuguesa pôde e deve pensar que tem na gente do *Regenerador Liberal* um inimigo desleal, injusto e desbocado. Pôde, pois, a republica vareira registrar as nossas palavras como garantia do nosso proced:ir futuro.

Nunes Branco

Foi nomeado informador da repartição de fazenda este excellente rapaz, muito estimado no nosso meio.

Desejamos que na sua nova situação conserve sempre o bom nome que hoje tem.

Agradecemos

ao nosso illustrado collega de Barcellos «Regenerador Liberal» a transcripção do nosso artigo de fundo do numero passado.

**27 de Setembro
de 1810**

(Continuado do n.º 59)

Batalha do Bussaco

Perguntaram-me mais: se na matta estava alguma tropa?—Não, senhores.

—Quantos monges estavam aqui? Disse-lhes: só tres: os mais fugiram, segundo a ordem que havia do general inglez.

Tornaram a instar que aqui estavam armazens de viveres, que lh'o haviam dicto. Eu respondi que nada disso; que os tinham enganado.

Acrescentaram: amanhã ha de vir aqui outro official francez saber se falla verdade ou não.

Esta palavra causou-me algum temor. Disse-lhes então: sr. official, ponha-se a pé, que eu vou mostrar o convento todo.

Ficou muito contente, disse-me que não tivesse medo, que estivesse socegado, que não faziam mal algum; que me haviam de dar um papel para ninguem nos fazer mal.

O outro padre foi-se chegando para mim com os dois sujeitos que queriamos pôr fóra. O tenente ficou logo prisioneiro por estar de banda e espada; porque os officiaes, apenas o viram, disseram-lhe: ha de vir conosco; deixe estar a sua banda e a sua espada. Ao outro não succedeu logo o mesmo, porque andava sem farda, e arrancou, sem elles verem, o galão do chapéu; mas ficou ao depois como abaixo direi.

Perguntaram se tinhamos algum trigo, algum vinho, e pão cozido? Respondi-lhes: o pão está amassado para se cozer; trigo e vinho algum ha.

Se era muito? Disse-lhes: eu lh'o vou mostrar; e mostrei-lhes tudo isto. O trigo era de Coimbra; porque o nosso não lh'o podia mostrar por estar mettido todo em um grande tonel.

Pediram saccos, e mandaram ir dois paizanos levar cousa de 7 ou 8 alqueires, um grande cantaro de vinho, uma canastra de broas, e 50 bacalhaus aos soldados que haviam ficado ao pé dos feridos em a capella das almas; porque ao convento não vieram senão os officiaes, e 10 ou 12 soldados, para não haver estrago e insulto algum, segundo elles mesmos nos disseram.

Feito isto, um dos officiaes, vendo um grosso ferrolho na porta do armazem do azeite, pediu que lh'a abrissem a toda a pressa, assentando que estava lá escondida alguma grande cousa.

Tanto que entrou, deu com os olhos em uma canastra de cavallas muito bem salgadas. Perguntou que peixe era aquelle? Deu umas a um soldado que ali estava e mandou cozer outras a toda a pressa para os officiaes.

Disse-lhe eu que estavam muito salgadas, que sem primeiro se adocarem não prestavam.

Respondeu que isso não importava, que mandasse cozer depressa, depressa.

Nisto se lhes foram todas as suas atenções: sem ver mais nada sahiram para fóra, e disse-me que os levasse para a sala: conduzi-os á hospedaria. Logo que lá chegaram, pediram que mandasse ir já de comer.

Disse-lhes que não estava ainda prompto; que esperassem pelo jantar: ao que responderam que não podiam demorar-se, porque haviam de entrar em Coimbra pelo meio dia junctamente com o general: que queriam tudo mal cozido como os inglezes.

Demos-lhe brãa, porque não havia outro pão cozido, vinho, ovos, fructa e a dicta cavalla salgada. E com isto ficaram contentes.

Estando á mesa, pediram vinho do Porto, quejo e doce. Disse-lhes que nada d'isto tinhamos. Accomodaram-se.

Neste tempo veio um soldado dar-lhes parte que os paizanos andavam armados fóra dos muros; mandaram-me que fosse lá accommoda-los, que deixassem as armas, que não lhes faziam mal, que se recolhessem ás suas casas, cultivassem os campos, que a guerra era para os soldados e não para elles.

Pedi-lhes que mandassem um soldado comigo, o que promptamente fizeram.

Quando cheguei á porta da Rainha, não quiz o soldado que eu passasse adiante: foi elle só fallar com os mais que estavam á capella das Almas. Veiu de repente, e disse-me que já não havia nada: voltamos para o convento.

O caso foi este: vinha um clerigo para fallar conosco; trazia uma espingarda ás costas; quando vinha chegando á dicta porta, gritaram-lhe os soldados de cima que largasse a arma: elle, assentando que eram inglezes, não fez caso. Um moço que estava á porta lhe disse tambem que deixasse a espingarda, e viesse, que elles não faziam mal. Perguntou-lhe que soldados eram? São francezes. Logo que ouviu isto, marchou em uma carreira aberta pelo monte abaixo.

Tanto que o viram fugir, partiu um soldado sobre elle, e disparou uma pistola, mas não o pilhou.

Perguntado ao depois porque fugira com aquella precipitação, respondeu que temera lhe roubassem o dinheiro; porque não tinha mais que aquelle que trazia consigo.

Quando chegámos ao convento, mandei o soldado ir dar parte aos officiaes: depois pediu-me que lhe deitasse um pouco de vinho em uma borracha.

Disse ao outro padre que lh'o fosse dar; porém logo que abriu a porta da adega, todos os mais foram tambem com as suas pedir vinho: agoniado por serem muitos e verter-se muito vinho, disse-me que lh'as enchesse eu.

(Continúa.)

Duas mães

«Todo o homem que não tem crença é como a creança que não tem mãe. Eis o pensamento que nos suscitou o seguinte facto que, pela sua trivialidade, a muitos, talvez, passaria completamente despercebido.

N'uma viella estreita e tortuosa de um d'esses bairros onde o vicio habita paredes meias com a miseria, brincavam, com a alegria despreocupada da innocencia, duas creanças formosas mas pobremente vestidas.

De repente ambas tropeçam e cahem. Uma d'ellas, porém, sente-se no mesmo instante cingi a por uns braços carinhosos que a levantam, escuta umas palavras dulcissimas em que se revela toda a sublimidade do affecto de que é capaz um coração maternal; é affagada, animada, coberta de beijos e de caricias... e em breves instantes haviam-se-lhe seccado as lagrimas que a dôr da pancada recebida na queda lhe fizera resaltar dos olhos.

Esta creança tinha mãe.

A outra, pelo contrario, chorou por longo espaço, rebolando-se no pó da calçada, á espera que algum, compadecendo-se d'ella, a erguesse como succedera á sua companheira de infortunio. Mas esperou debalde; e, por fim, levantando-se chorosa e triste, sacudiu ella mesma o pó dos seus vestidos e lá foi confiar á parede fronteira os soluços que a sufocavam.

E' que esta creança não tinha mãe.

Repara agora que immerso abysmo entre a situação d'essas duas innocentes! Feridas igualmente pela mesma fatalidade, uma d'ellas enxuga as suas lagrimas ao brando calor de um seio maternal; a outra vac confial-as á muda impassibilidade de uma parede fria e negra!

Pois bem:—a primeira creança é a imagem do crente e verdadeiro christão; a segunda a imagem do impio.

O homem verdadeiramente religioso nunca succumbe aos golpes da adversidade, porque a lembrança na religião o anima e o consola como mãe carinhosa e terna; porém o impio, quando as inclemencias do destino o perseguem, lança-se, como unico recurso, nos braços do desespero, que a maioria das vezes lhe assacala o punhal com que rasga as carnes, ou lhe aperra o bacamarte com que despedaça o craneo.

São os braços carinhosos de nossas mães que na infancia nos guiam os passos vacillantes e incertos: são

as crenças suavissimas da nossa santa religião, mãe igualmente carinhosa e terna, que nos encaminham na idade da razão pelas veredas do bem e da virtude, unicas que podem conduzir á patria da verdadeira felicidade.

O impio é infinitamente desgraçado; — mais desgraçado ainda que o orphão!

E, por conclusão, repito as primeiras palavras:

«O homem que não tem crenças é como a creança que não tem mãe».

Fieis defunctos

Foi hontem o dia consagrado á memoria saudosa dos que nos precederam no caminho d'além — tumulo.

A relva humedecida de lagrimas tem não sei quê que nos falla de saudades no chão do cemiterio!

Ahi desapareceram tantos entes queridos: paes, mães, irmãos, esposas, noivas idolatradas.

Debaixo d'aquelle gramma que reverdece de pranto estão sepultados tanto sonho de ventura, tantas dedicacões profundas, tanto amor ardente. Sepultados? Não.

Ali apenas jaz o pó que vestiu almas de luz.

E' para ellas que o nosso espirito se eleva, enquanto os nossos joelhos se curvam e os nossos olhos buscam sobre a terra dos sepulchros a forma que ellas revestiram.

Como é triste e ao mesmo tempo consolador para o que tem fé, o dia de fieis defunctos!

HOMEM CHRISTO

Foi preso em Aveiro e d'ahi conduzido a Lisboa onde o encerraram no Limoeiro o inconfundivel e vigoroso jornalista, sr. Homem Christo.

Diz-se que sua ex.ª foi preso por ter fallado no seu «Povo d'Aveiro» linguagem pornographica.

Não vimos isso. Mas nesse caso vai tambem ser preso o redactor de «O Democrata» que tambem usa linguagem igual. E d'ahi, não será, porque o «Democrata» não fallava contra o sr. Affonso Costa.

As liberdades e justiça da republica!...

Pois é pena que se não faça o que tantas vezes se prometteu, a fim de que todos se convençam que republica é mais alguma coisa que a monarchia defuncta.

Infelizmente os processos equivalem-se em muitas coisas más.

Pois é pena.

Nomes das ruas

Faz rir a bom rir a nomenclatura das ruas d'Ovar, inventada ha dias pela senhora camara.

Tirou e pôz nome a tudo, menos á viella da Neta. Por esquecimento de certo. Foi pena. Mais um patriota ou benemerito que lá podia... consagrar.

A serio; acautele-se a camara com o seu zelo anti. Nem tudo se deve destruir. E' mesmo uma loucura destruir tudo, apagar tudo. O passado tem fatalmente de viver. A historia é a sombra da humanidade. Seguil-a-ha sempre.

Tão vivedoura como ella. Nem o povo, nem o progresso lucrarão coisa alguma com essas alteracões, que por signal despertam o riso.

A camara tem muito que fazer, se quizer, para andar agora a metter Vasco da Gama no Lamarão ou qualquer bombardar nos Ferradores.

Dia 1 de Novembro

Houve grande concorrência na praia do Furadouro no dia 1.º de novembro. Tocou a musica «Ovarense».

O Mar

Deu alguma pesca nos primeiros dias da semana.

O POVO SOBERANO

Do Monitor, de Mattosinhos:

«Ludibriam-te, pobre povo.

Tu, vassallo, eras imponente; soberano, és uma caricatura.

Vestiram-te os attributos dum regulo africano. Por sobre a tanga d'algodão riscado, uma farda coçada d'alferes, com galões enegrecidos, gola de côr berrante e botões de metal amarello oxidados. Puzeram-te na cabeça um chapéu armado, e descalço e sujo fizeram-te atravessar as ruas e praças.

O povo soberano!

Ensinaram-te a lêr, mas escreveram torpezas. Não te alargaram a intelligencia; atrophiaram-te o sentimento

Tu que eras sublime na obediencia és asqueroso na soberania.

Pousavas a garlopa ou a enxada, o malho ou o escopro, e vinhas curvar-te deante do rei, desbarretar-te deante do patrão, de quem eras a força, de quem eras o auxilio.

Ensinaram-te a lêr e deram-te para solettrar as palavras revolução e grêve.

Soberano eras tu junto duma forja; soberano eras tu segurando a rabiça do arado, porque davas leis ao ferro, porque eras a producção e a riqueza.

Hoje és o povo soberano, és a destruição; és o aniquilamento inconsciente.

Arrancaram-te das mãos a viola para pôr nelas o bacamarte!

E's soberano!

Tinhas confiado por uma vez a um homem o direito de representarte perante o mundo inteiro; nada mais tinhas que vêr com a administração publica.

Pagavas-lhe para isso e nelle confiavas.

A ti bastavam-te as cancelas do teu trabalho, as alegrias do lar, e as folganças das romarias.

As tuas mãs callosas não precisavam prostituir-se na coronha duma espingarda.

Hoje, mais esfarrapado que nunca, cinges o sebento talabarte, para defenderes a tua soberania!

Como te ludibriam, ó povol!

O collegio

O nosso collegia «Ovarense» servindo-se do pretexto da nossa local do numero ultimo com esta mesma epigraphe, diz que o collegio das Dorotheas será... muito abendicoado pelos vareiros se o converterem na Misericordia.

Mas, collega, veja: O local é anti-higienico desde que para a edificacão da santa casa se preferiu a zoreira do Bajunco. Não se lembra?

Tem fraca memoria, pois pelo visto até as proprias opinões esquece com inaudita facilidade.

Sendo assim, localizar ali o hospital é expôr os infelizes doentes ao perigo... de nunca melhorarem.

Depois deve saber que o Padre Saborino ao fundar o collegio, isto é, ao lançar os alicerces d'essa casa depois convertida em collegio, pretendia fundar um asylo e nunca um hospital.

Por isso temos de attender a duas coisas muito sagradas: a vida do nosso semelhante e a suprema vontade do benemerito Padre Saborino, Não acha.

E' preciso que nem tudo em Ovar, ai tempos, tempos!... seja roupa de francezes... e incoherencia.

Dos republicanos vareiros fiamos nós, que terão igual pensar. Igual, neste ponto, ao nosso. E assim, se d'ella poderem dispôr, não converterão nunca tal casa em Misericordia.

Não lhe parece?

Nós cá supomos que o que fariam seria o que o Padre Saborino tinha em vista: uma casa onde se abrigasse a indigencia no ultimo quartel da vida.

Mas aquillo é propriedade particular e por isso somente será o que seu legitimo dono quizer.

«Almanaque d'Ovar»

A saber brevemente

Pedidos a Amadeu Peixoto—OVAR

BOLETIM

ELEGANTE

Partiu ha dias para o Brazil o sr. José Pinho da Cruz.

—Do Rio de Janeiro chegou ha dias a S. Vicente o sr. Rufino Figueiredo.

—Teve a sua *delivrance* na sexta-feira ultima a ex.ª esposa do sr. Antonio Alves da Cruz.

—Retiraram para Lisboa os srs. João Nunes da Silva e A. Alves da Cruz.

—Fez annos no dia 29 do passado o sr. Dr. Lopes.

—No dia 31 de outubro passou o anniversario natalicio da Ex.ª Sr.ª D. Maria Amelia Cardoso, dedicada esposa do sr. Antonio Valente Compadze.

—Voltaram do Furadouro os srs. Antonio Valente Compadre e M. a noel André d'Oliveira Junior.

—No dia 9 do corrente colhe mais uma primavera a menina Maria, filha do nosso amigo João Bernardino d'Oliveira Gomes.

Planta da villa

Têm estado nesta villa dois engenheiros para tratarem do levantamento da planta da villa. Louvamos a camara pela sua excellente iniciativa.

FALLECIMENTOS

Falleceu recentemente na quinta-feira passada na rua do Bajunco a sr.ª D. Libania de Jesus, adorada esposa do nosso estimado amigo Jo-é de Pinho.

A inditosa senhora que era um espelho de virtudes apesar dos seus vinte e cinco annos, succumbiu em seguida a um parto que se julgava sem consequencias tão funestas.

O recém-nascido, uma galante creancita do sexo masculino, dá as melhores esperanças de vida.

—Na sexta-feira falleceu em S. João a sr.ª Anna Marques Fidalga, tia dos srs. Antonio Lopes Fidalgo e Dr. Domingos Lopes Fidalgo e sogra do sr. Manoel Rodrigues de Pinho.

—No domingo á noite succumbiu com 88 annos de idade o sr. Antonio Gomes, da Lagoa de S. Miguel, pae do nosso bom amigo João F. Soares Gomes e sogro do sr. João Bernardino d'Oliveira Gomes.

A's familias enlutadas sentidos pesames.

CONTOS DA SEMANA

O melharuco azul

Era um bello dia de inverno. Andava eu passeando os meus ocios pelo Jardim das plantas. Uma camada branca de neve cobria a terra; as arvores com as suas cabelleiras empoçadas pareciam outros tantos bonifrates da Regencia. As amplas avenidas do jardim quasi desertas. O sol baço, atravessando a custo o esp-ssso véo de vapores, não trazia calor bastante á natureza silenciosa.

Vagueava ao acaso pelos recantos mais desviados do jardim quando me feriu a attenção uma scena tocante.

Um rapaz de doze a treze annos, vestido com elegancia, de luto pesado, tinha varrido das folhas e tronquinhos um pequeno espaço na neve e divertia-se distribuindo aos passaros um bodo de migalhas de pão. Um creado velho, de librê, parecia estar velando por elle e segurava a capa que o joven tinha tirada para não espantar os seus protegidos.

Um bando de avesinhas encantadoras tinha vindo tomar parte n'este festim. Os parda-s, atrevidos e gulotões, disputavam entre si os pedaços maiores, n'uma chilreada sem fim; os pintaroxos lá vinham do alto dos castanheiros, aproximando-se tímidos até se acharem entre os convidados; os melharucos, a um e um, levavam de passagem a sua

migalha de pão e com ella se retiravam para os massiços de arbustos mais solitarios; e todas essas creaturinhas graciosas, ao mesmo tempo que se banquetavam, cantavam, chilreavam, como para agradecer ao seu bemfeitor.

Seguia o mancebo com uma expressão de innocente alegria a contradação deliciosa de todos aquelles passarinhos; dedicava uma attenção especial aos que pareciam mais fracos e se conservavam por isso a distancia, deitava-lhes para perto a comida mas de fôrma a não os espantar, e não podia deixar de sorrir quando via que qualquer d'elles conseguia subtrahir a sua migalha á voracidade dos mais fortes e atrevidos.

—Aproximei-me e distribui tambem pelos esfomeados um bolo que tinha comprado.

Com um olhar de amizade o joven agradeceu-me.

—Estas desgraçadas creaturinhas, disse-me elle, não acham agora o sustento na terra coberta de neve: é mister que nos compadeçamos d'ellas.

—Gosta então muito dos passarinhos? perguntei-lhe.

—Oh! muito, muito! respondeu-me voltando os olhos como que para dissimular uma lagrima—e mais de que todos, dos melharucos.

Compreendi n'aquella afflicção uma historia dolorosa mas não ousei fazer mais perguntas. Sentia, porém, o prurido de penetrar no segredo de uma creança, em que encontrava tanta candura é poesia.

Não vos direi porque meios conseguí excitar sua confiança e como o levei a contar-me a historia que ides ouvir e pela qual anciava a minha curiosidade que, ainda assim, não baixou á indiscrição do pedido. Depois de ter consultado em voz baixa o creado que parecia servir-lhe de mentor, o sympathico joven, ao mesmo tempo que passeavamos por uma alea deserta, disse-me com uma voz doce e melancolica:

—Sim, senhor, amo os formosos passarinhos dos campos porque me trazem recordações bem ternas e caras... Amo-os, não como muitas pessoas que os prendem n'uma gaiola privando-os do ar e da liberdade de que gosam pela vontade de Deus, mas protegendo as suas existencias delicadas que, não prejudicando ninguém, são um encanto para todos.

Estas palavras tão simples e tão sensatas da parte de uma creança causara n-se um certo espanto. Ha, porém, uma precocidade que nos dá a dôr, e esta figurava por certo na existencia do meu joven amigo.

Com um sorriso, continuou:

—Tinha uma irmã, mais nova do que eu um anno, e que pensava exactamente como eu. Pobre ninásinhal soffria só de vêr soffrer a borboleta, que eu de surpresa colhia na flor! Era tão meiga, tão boa, tão tímida... Pobre ninásinhal!

Lancei a vista para os trajos pretos do joven narrador e comprehendilhe as lagrimas.

Depois de um momento de silencio, continuou:

—No verão passado, estava eu no campo com a Nina. Um dia andavamos passeando no parque e a brincar muito despreocupados quando detraz de uma mouta partiu o grito rouco de um milhano. Nina teve medo e quiz fugir, eu detive-a; aproximamo-nos da mouta para afugentar a repellente ave de rapina, que estendendo as azas enormes levantou o pesado vôo. No ar ficaram, pairando soltas, umas poucas de pennas finas. Affastamos os ramos e descobrimos um pobre ninho que o milhano tinha saqueado. Um só dos pequeninos estava vivo ainda entre os restos ensanguentados dos irmãos; lançava gritos de desespero como que chamando-nos em seu soccorro. A mãe tinha perecido, defendendo a ninhada... Só tinha sido poupado aquelle pobresinho, talvez por ser o mais enfesadinho de todos.

Nina pegou-lhe com toda a delicadeza.

—Pobre pequenino! disse ella, já não tem mãe nem irmão e talvez o malvado do milhano volte ainda!... Se o abandonamos ou morre ou é devorado.

—Pois bem, disse eu, n'esse caso dêmos-lhe gasalho, e quando estiver

farto e no caso de procurar o alimento restituimos-lhe a liberdade.

Nina ficou muito contente e levou o passarinho para casa. Fez-lhe um ninho de algodão em rama, e d'ahi por diante eu e ella dispensavamos-lhe os maiores cuidados.

Dentro em pouco o nosso favorito foi deitando corpo. Em lugar do sersinho, nú e doentio, que tinhamos recolhido, apparece-nos um bonito melharuco, vivo e saltitante, com as azas azues, o peito amarello, e uma pôpa azulada que levantava altiva nos seus momentos de alegria ou de colera. Corria todo o quarto, saltitando e pipiando continuamente, como que em requerimento da sua liberdade.

Um dia disse a Nina: —Não é justo que tenhamos salvado a vida a este passaro para o conservar prezo para sempre.

Nina chorou; mas, cedendo á razão, pegou no melharuco e descemos ambos ao jardim.

O tempo estava formoso, o ceo puro e o sol com immenso brilho.

As arvores estavam cobertas de fructos, os alegretes cheios de flores.

Nina, vên-do a natureza tão encantadora, disse, olhando para a avesinha que tinha na mão:

—O ingrato vae esquecer-nos bem depressal

Dêmos cada um de nós um beijo no nosso orphãosinho; e Nina abriu a mão, desviando o olhar.

O melharuco partiu com vôo rapido, e foi empoleirar-se em uma arvore proxima. Alli começou a cantar como para festejar a sua liberdade; e, com quanto fosse harmoniosissimo aquelle gorgeio, dilacerava o coração de Nina.

Minha irmã tinha-se sentado ao pé da arvore, e olhava tristemente para cima. De repente não podendo conter a sua dôr, estendeu os braços para o melharuco, chamando: *Azulino! Azulino!* Era o nome que ella tinha posto.

Azulino, a esta voz tão conhecida voou da arvo e veio pousar no hombro da sua gentil amasinha.

Oh! como Nina ficou contente! como ella acariciou o seu amigo, que lhe fazia festas com o biquinho preto! Minha irmã falava com a sua voz argentina e o melharuco continuava a cantar; deslisavam ainda algumas lagrimas pelas faces de Nina, e *Azulino* enxogou-as com a aza assetinada.

—Vês, disse Nina com orgulho, *Azulino* nunca mais quer deixar-me. Pobre irmãsinhal! mal sabia ella que dizia a verdade.

O joven calou-se um momento, opprimido pelas suas recordações.

Passou a mão pelos olhos e continuou:

—Desde então começou uma amizade mais intima ainda entre Nina e o melharuco.

A avesinha não deixava nunca a sua amiga; seguia-a esvoaçando por toda a casa; reconhecia-a pelo timbre da voz e até pelo andar.

Muitas vezes, quando Nina a chamava, vinha desde o fundo do jardim para onde ia só.

Pela manhã era ella quem a vinha accoradar.

Entrava, cantando, para dentro dos cortinados, pousava no travesseiro, e picava docemente com o bico os labios côr de rosa da gentil menina adormecida.

Feliz *Azulino!* que beijava Nina antes da nossa mãe e antes de mim!

Entretanto tinha-se passado a formosa estação do verão; foi preciso voltar para Paris. Minha irmã parecia doente: diziam que precisava dos soccorros dos medicos mais notaveis.

Quando chegamos aqui, achou-se ainda mais doente e pouco depois nem sahia do quarto. Via muitas vezes as creadas trocarem em voz baixa palavras tristes, e a mamã, fallando com minha irmã e commigo, escondia-se algumas vezes para chorar... Mas eu não comprehendia ainda o que era morrer!

Azulino estava sempre ao pé da sua amiga.

Esta não consentia tambem que a avesinha se afastasse d'ella; e na sua ingenuidade de creança e de doente, contava-lhe os seus soffrimentos.

Oh! quantas vezes vi *Azulino* empoleirado nos pequeninos dedos de neve de Nina, e parecendo es-

cutar com attenção os queixumes de minha irmã!

Estes momentos dolorosos tinham feito perder á avesita o seu gorgeio: meiguices, bater d'azas, tudo tinha acabado!

Andava triste, sombria, como se sentisse os males de que se queixavam.

Quando Nina, cançada de conversar, se calava, *Azulino* aproximava docemente d'ella a cabecinha azul e dava-lhe um beijo, como se quizesse animal-a; depois adormeciam ambos na sua alcova de gaze branca.

Um dia tinha-me deixado só ao pé de minha irmã, por alguns momentos.

Julgava-a adormecida, quando de repente onvi-a chamar-me com voz debil.

Corria para o pé do leito.

—Adeus, irmão, disse ella: sinto que vou morrer... Onde está a mamã?

Quiz tranquilisal-a, e disse-lhe que a mamã não se demorava.

—Dá-me um beijo, tornou ella.

Inclinei-me para a abraçar, porém cahiu sem movimento sobre o travesseiro.

Estava morta!

Soltei um grande grito e ajoelhei. N'este momento, o melharuco que estava ao lado de minha irmã levantou vôo e fugiu com um gorgeio doloroso pela janella entreaberta.

Pareceu-me vêr a alma angelica da minha querida Nina subir para o ceo nas suas azas d'azul!...

Apertei entre as minhas a mão da sympathica creança. Baixou a cabeça em signal de agradecimento.

O velho creado, que se aproximara de nós durante esta narrativa, tinha os olhos rasos d'agua.

—Elles poderão dizer-lhe o que tenho soffrido, proseguiu o joven, designando o aio fiel: não amava um ingrato a minha gentil irmã!

Vên-do que não continuava, perguntou-lhe timidamente: —E o melharuco? sabe o que foi feito d'elle?

Fez o joven um esforço sobre si mesmo e proseguiu:

—Logo que recuperei algumas forças, pedi que me levassem á sepultura de Nina, no cemiterio de *Père-Lechaise*.

Ajoelhei-me sobre o marmore, e resei por minha irmã. O canto de uma ave, que ouvi perto de mim, attrahiu-me a attenção.

Levantei a cabeça e vi num cypreste proximo uma ave azul. Bateu-me o coração com violencia.

Chamei: *Azulino! Azulino!* como costumava chamar-o minha irmã, e o melharuco veio pousar-se na minha mão.

Cobri de lagrimas e de beijos esta encantadora creatura.

Passado um momento; foi refugiar-se nas corôas de flores de laranjeira e perpetuas que adoravam a cruz da sepultura, como para me dizer que pertencia ainda á morta.

Todas as vezes que visitei o cemiterio, vi *Azulino* ao pé da sua amigasinha.

De dia cantava sobre a sua sepultura; de noite, dormia nas flo-

(28) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS

DO

SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

—A'manhã, continuando vós n'esta vida, eu pedirei tambem esmola para vós. Lembrae-vos d'isso.

E a um por um estendia o chapéu, fitando-os com um gesto de nobre e composta severidade.

O respeito, que lhes impunha a figura do ancião, pedindo desinteressadamente para a pobreza, e, em muitos, a voz da consciencia, coroarão do melhor exito a inspiração do parochio.

Houve quem lhe despejasse no chapéu todo o dinheiro que tinha diante de si.

Um só não correspondia ao pedido.

GRANDES ARMAZENS DA ESTAMPARIA DO BOLHÃO

Os maiores, os mais antigos, os que inclaram o systema de preço fixo, os que mais sortimento tecem e os que mais barato vendem.

Sortimento completo de todos os artigos proprios para vestuario de senhora, homem e creança, uso de casa, perfumarias, brinquedos, moveis, automoveis, etc., etc.

Quem visitar a cidade do Porto, não deve deixar de vêr os nossos GRANDES ARMAZENS que occupam uma área de 3.000 metros quadrados, n'um só pavimento

328, Rua de Fernandes Thomaz, 348—Porto

GRANDE HOTEL E CASINO DE ESPINHO

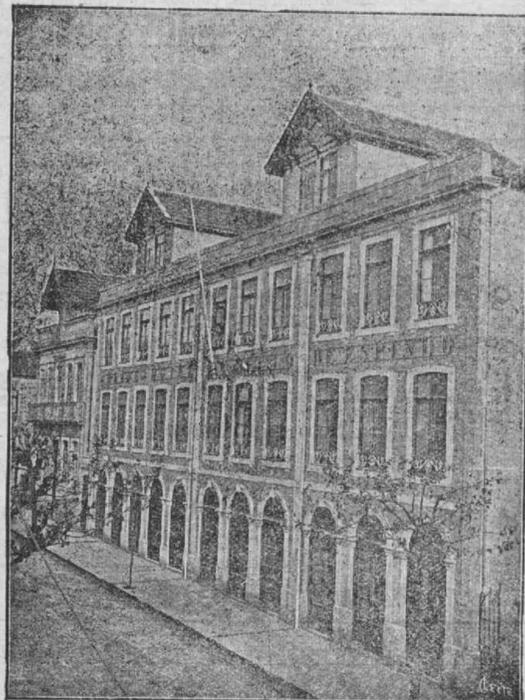
O unico hotel que nas pralhas de Portugal tem cozinha especial para o regimen dietetico Gereziano

PARA TODAS AS INDICAÇÕES

No Gerez, **Hotel Ribeiro**

No Porto, **Hotel Bragança**

Entre - Parede e **Bazar de Porto, Santa Catharina, 16**



Hotel de primeira ordem

Situado no melhor local Aberto desde 1 de junho

TODO O CONFORTO MODERNO

Correspondencia a **RIBEIRO & IRMÃO**—Telephone, 5

Endereço telegraphico, **GRANDOTEL—ESPINHO**

res virginaes que mãos amigas alliam depôr.

Ha poucos dias, encontramos *Azulino* morto de frio no seu logar do costume...

Não quiz abandonar Nina! Durante esta narrativa, tinhamos chegado á grade da ponte d'Aosterlitz.

Uma carruagem esperava o joven e o seu aio. Ao separarmo-nos, disse-me com um sorriso melancolico:

—Já sabe agora porque é que eu amo as avesinhas!

O reitor fitou-o com semblante austero:

—E tu?

—Não tenho nada;— respondeu este homem com ar abatido—perdi e devo.

—Não tens nada!— redarguiu o padre com amargura—tens, sim; tens cinco filhos e uma velha mãe moribunda.

O homem cobriu o rosto, para occultar as lagrimas.

—A que vem esse chôro, agora? Pois julgavas tu que matarias a fome á tua familia por esta maneira? Para que te deu Deus os braços robustos, homem, e o peito valente, se os negas ao trabalho?—E, voltando-se para os jogadores que sabia mais abastados, proseguiu com maior vehemencia:—E vós tivestes alma para vos entregardes a este jogo damnado com um homem, que punha em cima da mesa o pão e o sangue dos seus filhos e de sua mãe! Vergonha e desgraça sobre vós, miseraveis, se dentro de um dia não compensardes o mal que fizestes, abrindo por vossas mãos a este

HORARIO DOS COMBOIOS

Ovar ao Porto e vice-versa

OVAR—PORTO

Manhã: 4,50—5,52—7,20—8,6—9,55—10,44.

Tarde: 12,15—3,14—6,17—6,54—8,30—11,12.

PORTO—OVAR

Manhã: 4,15—5,19—6,35—7—9,30—11,20.

Tarde: 2,14—3,6—5,10—6,26—8,45.

pae e filho desnaturado a carreira do trabalho, que é da honra igualmente—dentro de um dia, como podeis e deveis. Eu vos forcarei a isso. Homens, que tão bem servis para perder, servi um dia ao menos para salvar. Não podes pagar?... Alguem pagará a tua parte.

—Não pôde pagar, não—confirmou o taberneiro—que a mim me deve elle uma conta, e não pequena, de vinho.

—Ah, sim?—disse o reitor, voltando-se para o da observação—Pois has de ser tu o que pagarás a parte d'elle. Ainda não deste nada. Dá-me a sua divida.

—Mas, snr. reitor...—balbuciou o taberneiro.

—Consideras-te mais que os outros? Só se fôr por seres o mais culpado.

—Não, senhor... De boa vontade lh'a perdôo; lá por isso...—e acrescentou, fallando comsigo, o taberneiro:—Não cedo grande coisa, que por perdida a tinha eu ha muito.

Depois d'esta abundante colheita, o reitor continuou: (*Continúa*).

HISTOGENO

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

bettes, Aremia, Neurasthenia e doencas consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem a

TUBERCULOSE
O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

LLOPIS

Preaver contra os productos similares que na pratica teem d e mostrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Feça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** — **Histogeno granulado.**
Histogeno anti-diabetico.

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100 reis.** — **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahona & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º—No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho dy Silveira, 115.

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70
PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratísimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 17\$000; 3.ª, 13\$500 RÉIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: **LARGO do MARTYR**

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: **PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª**

ESPINGARDAS

DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «sparklets»
Vibrador «varno»
Sorvetelras, etc., etc.

CASA LINO

40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPEIS

PARA FORRAR CASAS

Das principais fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido de deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio. 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, pannels decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José Ferreira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 184

Villa Nova de Gaya — Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS — Telephone, 279

Estabelecimento de Merceria e Deposito de Garrações

DE MARQUES & ARAUJO

LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45 — Porto

Telephone, 616

AGUA DO BARREIRO

Na Serra do Caramulo
(BEIRA-ALTA)

Contra a ANEMIA e outras doencas provenientes da mesma. Contra as DOENCAS DO ESTOMAGO E INTESTINOS. Contra as PERTURBAÇÕES MENSTRUAES. A mais barata de todas as AGUAS MEDICINAES.—Uma garrafa para 4 dias.

Deposito em Ovar—Viuva Cerveira

Uma visita á
PHOTOGRAPHIA CARVALHO
R. do Passio Alegre, 27 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartoneagem e photographia mod. ma. Ampliões e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

MOREIRA, GUIMARÃES & C.ª

37, Praça de Carlos Alberto, 38-A — Porto

Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna

Especialidade em tecidos para campo e praia
ATELIER DE MODISTA

Enviem-se amostras na volta do correio

OSPIODOGLICINA

De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das escrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitais do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fígado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto — Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da Prata, 194.

A venda em todas as pharmacias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

José Bernardo Carlos das Neves

221, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias.

CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

TYPOGRAPHIA

JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO

72—Rua da Pícaria, 74—PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

Forma de se ganhar com especialidade a singular

Indulgencia da Porciuncula

Concedida por Christo Senhor Nosso

E intercessão da Virgem Maria Sua Santissima Mãe ao serafico Patriarcha S. Francisco; e forma da visita para bem espirital das almas com uma antífona e oração contra a peste
Preço, 50 reis. — Vende-se na typ. Fonseca e Filho, rua da Pícaria, 74.

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º

(Em frente ao coreto da Graciosa)

ESPINHO

REGENERADOR LIBERAL

OVAR

ILL. mo SNR.